

“O acordo está praticamente fechado”, garante Funaro

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

“O acordo está praticamente fechado”, assegurou ontem, no princípio da noite, a este jornal o ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Destes modo, esclareceu declaração que havia dado no meio da tarde aos jornalistas, no Ministério da Fazenda, quando informou que o acordo da dívida externa — envolvendo amortizações de 1985 e de 1986 e linhas de curto prazo no total de CZ\$ 31,5 bilhões — já estava fechado. “Acabei de receber um telefonema confirmado que o Banque de Paris e Parys Bas (Parisbas) acabou de assinar”, disse ele na ocasião, conforme conta o repórter Carlo Iberê de Freitas.

Consultado por este jornal, logo depois, o presidente do Banco Central (BC), Fernão Bracher, disse que as contas estavam sendo feitas pelo diretor da Área Externa, Antônio de Pádua Seixas, mas que o acordo não podia ser dito como totalmente fechado: “Estamos próximos disso”.

Funaro explicou mais tarde para este jornal, através de seu assessor de imprensa, que havia dado o

acordo como fechado porque “falta tão pouco, tão pouco, que está praticamente fechado”. O ministro da Fazenda complementou, dizendo: “O que falta é uma filigrana desprezível como valor em dólar e, portanto, na minha cabeça, está fechado”, segundo relato da editora Cláudia Safatle.

Bracher fez um rápido relato sobre a posição das assinaturas dos bancos credores, conforme a posição que tinha em mãos no momento: nas linhas de médio e de longo prazo, os compromissos já ultrapassavam ontem os 95% mínimos necessários com relação ao montante dos recursos envolvidos; nas linhas de financiamento ao comércio, as assinaturas haviam atingido a marca dos 95%; e nas linhas dos depósitos interbancários não havia ainda, àquela altura, garantia de que as assinaturas tivessem chegado ao percentual requerido para que acordo possa ser validado.

Ele confirmou que o BC e o comitê assessor da dívida externa estão desenvolvendo um esforço conjunto para que bancos regionais norte-americanos concor-



Dilson Funaro

dem em assinar o acor-

do. “Os bancos regionais são menores e criam alguma resistência.” Bracher mostrou-se, no entanto, otimista quanto ao comportamento daquelas instituições que, conforme informou, não são muitas. Desde que tenham sido atingidos os percentuais mínimos de 95% nos diferentes contratos — os 5% restantes, conforme explicou o ministro Funaro, são incorporados automaticamente — até o dia 5 de setembro, o acordo entra imediatamente em vigor e esta é a ex-

pectativa do presidente do BC.

Dentre as condições negociadas em fevereiro, ele destacou a redução do “spread” (taxa de risco) para os níveis de 1,125% no caso da dívida contraída pelo setor estatal e de 1,250% para a dívida do setor privado. “O bonito disso é que este ‘spread’ é retroativo a fevereiro deste ano e vamos receber de volta o que pagamos a mais”, disse ele.

Faltam também definições mais detalhadas relativas ao processo de reempréstimo interno envolvendo os US\$ 6,1 bilhões das amortizações retidas no BC, no ano passado. Em linhas gerais, sabe-se que o setor só terá acesso àquele recurso para rolagem de dívida e que o setor privado estará sujeito a tetos menores para reempréstimo. O presidente do BC estará junto com o ministro Funaro, nos Estados Unidos, do dia 9 ao dia 12 deste mês, acompanhando o presidente Sarney em sua viagem oficial. Do dia 12 ao dia 19, ambos estarão na Europa cumprindo compromissos com bancos credores e ministros das finanças da Alemanha, Grã-Bretanha e França.